

Charamelas e Trombetas: Em torno da música na cronística portuguesa dos finais da Idade Média

Ana Maria Santos Oliveira
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar o nosso projeto de dissertação de mestrado. Incidindo sobretudo em questões metodológicas, bem como de fonte e historiografia, pretendemos apresentar o caminho e a forma nas quais serão analisados os dados encontrados no conjunto de crónicas a que nos propomos estudar. Esses dados incidem sobretudo nas manifestações musicais relatadas pelos cronistas Fernão Lopes, Gomes Eanes de Zurara, Rui de Pina e Garcia de Resende, nos diversos reinados, quer de carácter genérico, com o relato de episódios de festa, quer de carácter específico, como a menção a instrumentos musicais, nos variadíssimos contextos, militares, festivos e religiosos.

Palavras-chave:

Idade Média, Crónicas, Música, Músicos, Instrumentos musicais

Abstract

The present article aims to present our investigation project. Focusing on methodological questions, as well on the sources and historiography it is our intention to demonstrate the data found in the chronicles we studied. These data focused above all in musical references described by the chroniclers, most specifically Fernão Lopes, Gomes Eanes de Zurara and Garcia de Resende, in the various reigns as well as distinctive kinds of references in a more extended approach such as parties, or more specific such as musical instruments in varied contexts such as military, festive and religious.

Keywords:

Middle Ages, Chronicles, Music, Musicians, Musical instruments

1. INTRODUÇÃO

O projeto de dissertação de mestrado que aqui apresentamos tem como objetivo principal a análise de todo o tipo de referências musicais contidas nas crónicas de Fernão Lopes, Gomes Eanes de Zurara, Rui de Pina e Garcia de Resende. Desta forma partiremos de algumas questões-chave para a descoberta das mesmas manifestações musicais, através de um levantamento sistemático dos dados. De forma a facilitar o entendimento da nossa apresentação, iniciaremos a mesma pelo enquadramento da fonte e pelo contexto historiográfico, para de seguida comentarmos a estrutura, bem como alguns dos dados recolhidos e já analisados.

2. FONTES

Relativamente às fontes selecionadas para este estudo, a nossa escolha recaiu sobre a cronística dos finais da Idade Média, mais concretamente nas obras de Fernão Lopes (*Crónica de 1419*, de *D. Pedro I*, de *D. Fernando I* e de *D. João I*), de Gomes Eanes de Zurara (*Crónica da Tomada de Ceuta*, dos *Feitos da Guiné*, de *D. Pedro de Meneses* e de *D. Duarte de Meneses*), de Rui de Pina (*Crónica de D. Sancho I*, de *D. Afonso II*, de *D. Sancho II*, de *D. Afonso III*, de *D. Dinis*, de *D. Afonso IV*, de *D. Duarte*, de *D. Afonso V*, e de *D. João II*) e de Garcia de Resende (*D. João II*). Esta opção um pouco ambiciosa, sabemos nós, justifica-se pela escassez de dados e também pela necessidade de estabelecermos uma análise comparativa entre os vários reinados.

É necessário referir que o conjunto de crónicas a que nos propomos analisar não é de todo homogéneo, ou seja, dentro deste conjunto nem todas as crónicas são régias, apesar de ser este o tipo que prevalece, onde, para além destas, dispomos de duas crónicas particulares (*Crónica de D. Pedro de Meneses* e a *Crónica de D. Duarte de Meneses*), um «panegírico» (*Crónica dos Feitos da Guiné*) e uma miscelânea de Garcia de Resende (*Crónica de D. João II*).

Outro ponto importante que deve ser igualmente referido é o de que os cronistas eleitos pertenciam todos à dinastia Avis, condicionando em parte desde logo os dados, pois ao escreverem as crónicas dos seus estimados monarcas, estariam a fazê-lo à luz da realidade do seu tempo. Este facto dificulta o entendimento da veracidade dos dados encontrados, se de facto o que escreveram sobre D. Afonso II, ou D. Sancho II, eram relativos ao seu tempo.

Relativamente às crónicas régias, sabemos, de acordo com Bernardo Vasconcelos e Sousa, que a cronística medieval é considerada como um género que constitui um tipo preciso da historiografia na forma de narrativa, que era promovida pela coroa, sendo esta o protagonista central (representada normalmente pelo próprio rei). Por essa razão, o discurso apresentado centrava-se sobretudo na ação do monarca e na história da instituição real que o monarca e a sua dinastia representavam. Em suma, nas palavras do autor, o objetivo do texto cronístico era a história política, tanto nos temas predominantes, como as ações do rei, a guerra, a paz, a justiça, como também a nível dos seus objetivos. Aliás, o próprio cronista enfatizava a «bondade» do monarca, servindo esta como justificação para o registo das múltiplas ações régias e da instituição que o próprio representava. Deste modo, a crónica régia é também um instrumento de poder

de afirmação de autoridade por parte da monarquia, demonstrando ser um importante contributo para a legitimação dessa mesma autoridade.¹

Contudo, é necessário ter presente que estas apresentam fragilidades, começando pelo facto de que, no limite, (como é referido por Luís Miguel Duarte) toda e qualquer fonte é “mentirosa”,² sendo esta uma situação inerente às crónicas, visto que estas, como foi aludido inicialmente, era um importante instrumento de poder, sendo a sua escrita pedida pela coroa aos cronistas. Assim os relatos que nos aparecem estarão sempre condicionados por aquilo que o monarca deseja, e por isso, na maioria das crónicas, sobretudo nas régias, os relatos pretendem enaltecer os feitos do Rei.

3. ENQUADRAMENTO HISTORIOGRÁFICO

Passemos agora à apresentação de um breve enquadramento historiográfico no que diz respeito à história da música medieval, bem como ao comentário de alguns estudos acerca da música na cronística medieval portuguesa.

Sobre este universo, são ainda escassos os estudos no nosso país, contudo, tem-se vindo a assistir a uma evolução considerável tanto do ponto de vista qualitativo como quantitativo, com estudos específicos ligados a diversas temáticas, como as cantigas galaico-portuguesas. O começo da investigação da música medieval portuguesa, segundo Manuel Pedro Ferreira, foi determinado tanto pela história da literatura como pela da Igreja,³ sendo que nos nossos dias os investigadores recorrem a fontes específicas da área, transcrevendo partituras antigas, não deixando, contudo, de continuar a recorrer às fontes de narrativa histórica. Este projeto é consequência disso mesmo. Através das crónicas propomo-nos apresentar um conjunto de referências musicais, tentando entender um pouco do ambiente cultural da sociedade portuguesa na Idade Média, graças a uma fonte que era utilizada como um instrumento de poder, fortemente controlada pela coroa, que pretendia enaltecer todos os seus feitos, e legitimar a figura do rei e da monarquia.

¹ Bernardo Vasconcelos e Sousa, “Medieval Portuguese Royal Chronicles: topics in a discourse of identity and power”. *Portuguese History*, vol.5, nº2 (2007):1-2, https://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/html/issue10/pdf/bsousa.pdf.

² Luís Miguel Duarte, *D. Duarte: requiem por um rei triste* (Mem Martins: Círculo Leitores, 2005), 9.

³ Manuel Pedro Ferreira, “Medieval Music in Portugal within its Interdisciplinary context (1940-2010)”, in *The Historiography of medieval Portugal (c. 1950-2010)*, dir. José Mattoso, ed. Maria Lurdes Rosa, Bernardo Vasconcelos e Sousa e Maria João Branco (Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Instituto de Estudos Medievais, 2011), 111.

No século XX, as questões relacionadas com a poesia galaico-portuguesa, mais concretamente no período de 1200-1350, que chamaram atenção de alguns investigadores, nomeadamente como aspetos relacionados com o canto litúrgico, como era cantado, continuando este a ser um tema de estudo nos dias de hoje. Nesta época, destacam-se nomes como João Freitas de Branco, Rui Vieira Nery e Paulo Ferreira Castro,⁴ Manuel Carlos Brito e Luísa Cymbron⁵ (estes quatro autores pertencem já, a uma época em que existia algum conhecimento a nível de fontes musicadas), entre outros. A nível europeu nomes como Higinio Anglés e Solange Corbin, tendo esta investigadora sido pioneira no que toca ao estudo sistemático, rigoroso e profundo das fontes musicais portuguesas mais antigas, com o seu estudo “Essai Sur La Musique Religieuse Portugaise au Moyen Age (1100-1385)”.⁶

De acordo com Manuel Pedro Ferreira o exemplo da musicóloga francesa, não atraiu no imediato muitos seguidores a nível da investigação musicológica em Portugal.⁷ Porém, é possível encontrar alguns estudos, como a continuação de trabalhos de investigação que haviam sido iniciados antes, nomeadamente os de Avelino Jesus da Costa, que prosseguiu com a sua pesquisa sistemática por pequenos fragmentos documentais nos arquivos portugueses, e reportou os resultados à autora francesa; os de Manuel Joaquim com uma leitura atenta de um manuscrito cisterciense do século XIII, que contém polifonia e encontra-se preservado no Mosteiro de Arouca;⁸ ou ainda o Cónego da Sé de Évora José Augusto Alegria, a quem se deve também muito do conhecimento da polifonia portuguesa. Neste último caso, não existia a preparação e abertura científica necessárias, para que fosse conduzida uma investigação histórica das fontes monódicas pré-tridentinas.⁹ Ainda assim, convinha destacar deste autor algumas obras: a “Escola de Música da Sé de Évora”, a “Capela dos Santos Reis de Vila Viçosa” ou o “Ensino e a prática da música nas Sés portuguesas”.¹⁰

Apesar de terem aparecido alguns estudos durante o século XX, foi lento o seu processo. Contudo, e como referirmos, posteriormente, a conjuntura dos estudos musicológicos em Portugal alterou-se de forma significativa. Onde antes existiam raras

⁴ Rui Vieira Nery e Paulo Ferreira Castro, *História da Música*, 2ª ed (Lisboa: Europália-Portugal e Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1991).

⁵ Manuel Carlos Brito e Luísa Cymbron, *História da Música Portuguesa*, (Lisboa: Universidade Aberta, 1994).

⁶ Manuel Pedro Ferreira, *Aspetos da Música Medieval no Ocidente Peninsular*, (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda e Fundação Calouste Gulbenkian, 2009), 8-9.

⁷ Ferreira, *Aspetos da Música Medieval no Ocidente Peninsular*, 9-10.

⁸ Ferreira, “Medieval Music in Portugal within its Interdisciplinary context (1940-2010)”, 114-115.

⁹ Ferreira, *Aspetos da Música Medieval no Ocidente Peninsular*, 9-10.

¹⁰ Manuel Carlos Brito, *Estudos de História da Música em Portugal* (Lisboa: Editorial Estampa, 1989), 26.

fontes primárias acessíveis, uma musicografia incipiente e um punhado de investigadores dispersos, vê-se hoje um corpo já respeitável de obras editadas, uma bibliografia científica em constante aumento, e um pequeno núcleo de musicólogos nacionais ligados à Universidade, e que são capazes de produzir uma revista da especialidade.¹¹ Entre os vários estudos e autores que se dedicam a este tema hoje em dia teremos, sem sombra de dúvida, de destacar Manuel Pedro Ferreira, sendo o seu contributo importantíssimo para o desenvolvimento desta temática. São já diversos os seus estudos, nomeadamente obras relacionadas quer como as cantigas galaico portuguesas, (“Aspetos da Música Medieval no Ocidente Peninsular”),¹² quer de cariz mais genérico, (“Antologia de Música em Portugal na Idade Média e no Renascimento”).¹³

Antes de terminarmos o presente enquadramento historiográfico, permitam-nos referir ainda alguns autores que utilizam as crónicas como fonte primordial para o estudo da música.

De facto, são vários os autores que as têm utilizado, com mais ou menos incidência em episódios musicais contados pelos nossos cronistas de acordo com os seus ambientes/contextos, que podiam ser de festa, de guerra, litúrgicos, entre muito outros. Autores como os já citados Manuel Pedro Ferreira, ou Manuel Carlos Brito e Luísa Cymbron – “História da Música Portuguesa” -, ou ainda Ana Rodrigues Oliveira em “O dia-a-dia em Portugal na Idade Média”,¹⁴ ao abordarem assuntos ligados à música medieval, ou ao quotidiano da época, utilizam muitas vezes relatos presentes em crónicas como exemplos ilustrativos. Veja-se o caso de Manuel Carlos Brito ao escrever sobre a vida musical nos séculos XIV e XV, empregando um excerto da crónica de D. Afonso V, de Rui de Pina, em que o cronista nos revela que o monarca gostava de ouvir música,¹⁵ o que indicia uma clara valorização da cultural do seu tempo.

É possível depararmo-nos ainda com comentários gerais acerca da cronística e da sua relação com a música, em uma monografia como a de Hugo Filipe Teles Porto, “Os cantores na administração nos reinados de D. Manuel I e de D. João III”: «Embora na

¹¹ Manuel Pedro Ferreira, “Da música na História de Portugal”, *Revista Portuguesa de Musicologia*, nº4-5 (1994-95):168.

¹² Manuel Pedro Ferreira, *Aspetos da Música Medieval no Ocidente Peninsular*, (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda e Fundação Calouste Gulbenkian, 2009), vol.I.

¹³ Manuel Pedro Ferreira, *Antologia de Música em Portugal na Idade Média e no Renascimento*, (Lisboa: CESEM, 2008), vol.I.

¹⁴ Ana Rodrigues Oliveira, *O dia-a-dia em Portugal na Idade Média*, (Lisboa: Esfera dos Livros, 2015).

¹⁵ Manuel Carlos Brito e Luísa Cymbron, *História da Música Portuguesa*, (Lisboa: Universidade Aberta, 1994), 29.

cronística oficial sejam abundantes as referências à atividade musical, quando é chamada a responder a questões fundamentais para a musicologia – como repertórios, utilização de instrumentos, emprego de vozes em obras polifónicas – as crónicas mostram-se singularmente lacónicas».16

É igualmente possível encontrar comentários sobre questões mais específicas dentro do tema que temos vindo a falar, como na dissertação de mestrado de Maria Isabel Lopes Monteiro, “Instrumentos e Instrumentistas de Sopro no século XVI português”, na qual a autora menciona, entre outros aspetos, que «a posse dos instrumentos é um aspeto difícil de comprovar pelas ocorrências nas crónicas e relatos, uma vez que, como atrás foi referido, na maioria dos casos o nome do instrumento, também designa o instrumentista».17

Por último, existe ainda o caso de Gerhard Doderer no estudo, “As manifestações musicais em torno de um casamento real (Évora, 1490)”, que baseia a sua investigação em episódios relatados na crónica de D. João II de Garcia de Resende, para apresentar e comentar os aspetos musicais ligados ao casamento real, como os instrumentos escolhidos, os passos foram dados, etc.

Por esta pequena sùmula é possível observar que são vários os autores que têm utilizado as referências musicais na cronística para explicar e até mesmo apresentar o contexto de uma época ou uma realidade determinada. Parece cada vez mais claro o quão diversificada era sociedade desta época. Em relação à música, torna-se evidente o quão esta se encontrava inserida no quotidiano, no dia-a-dia das gentes de todos estratos sociais. Porém, é visível a inexistência de um estudo sistemático dos episódios narrados nas crónicas onde são mencionados aspetos musicais, como instrumentos, momentos de festas e outros.

4. OBJETIVOS E METODOLOGIA

De seguida iremos apresentar os principais objetivos da dissertação que estamos a desenvolver e as questões base que hão de nortear a nossa análise. Assim sendo, a nossa investigação procura tentar compreender a presença das manifestações musicais, nomeadamente no que respeita a músicas, músicos e instrumentos musicais, nas referidas crónicas, bem como os respetivos contextos. Desta forma, será feito o

¹⁶ Hugo Filipe Teles Porto, “*Os cantores na administração dos reinados de D. Manuel I e de D. João III*”, (mestrado, diss., Universidade Nova de Lisboa, 2014), 4.

¹⁷ Maria Isabel Lopes Monteiro, “*Instrumentos e Instrumentistas de sopro no século XVI português*”, (mestrado, diss., Universidade Nova de Lisboa, 2010), 38.

levantamento sistemático das informações respeitantes aos aspetos referidos, procedendo sempre à sua integração em coordenadas espaciais e temporais. Em relação a estes últimos aspetos, veremos com particular atenção os ambientes de guerra, de festividades cortesãs ou populares, religiosas ou profanas.

Para a seleção das referências musicais será desenvolvida uma tipologia específica que contempla seis categorias distintas: Instrumentário, Festas, Dança, Canto, Hinos e Salmos e Outras Referências (aqui serão colocadas referências de caráter genérico sem qualquer especificidade). Esta divisão permite-nos não só perceber os contextos em que nos aparecem os episódios levantados, mas também a sua frequência.

5. ESTRUTURA DO TRABALHO

Consequentemente de forma a respondermos aos objetivos enunciados e tendo em conta a estrutura que foi descrita, apresentaremos de seguida a estrutura do nosso trabalho. Esta pode-se sintetizar nos seguintes pontos: uma primeira parte, que contempla a Apresentação e Justificação do tema (Metodologia; Fonte e Estado da arte); uma segunda parte central da dissertação, que será composta pela análise detalhada dos vários campos que decidimos tratar; e por fim, as Conclusões.

Para a seleção das referências musicais foi desenvolvida uma tipologia específica que contempla seis categorias distintas: Instrumentário, Festas, Dança, Canto, Hinos e Salmos e Outras Referências (aqui foram colocadas referências de caráter genérico sem qualquer especificidade). Esta divisão permitiu-nos não só perceber os contextos em que nos apareceram os episódios levantados, mas também a sua frequência. A título de exemplo, expomos duas das nossas tipologias e as tabelas que foram estabelecidas para ambas. Começamos pelo Instrumentário. Este é composto por duas tabelas: a primeira abrange os grupos de instrumentos divididos pelo seu modo de execução, como instrumentos de cordas, percussão, sopro e teclas, sendo que são apresentados excertos dos episódios ligados a esta tipologia; a segunda, ligada ao número de dados encontrados, apresenta todos os instrumentos que foram encontrados na nossa cronística, desde as trombetas às charamelas. No que diz respeito à Festa, procedemos de maneira idêntica, construindo duas tabelas que abrangem exatamente os mesmo campos (Casamento; Entradas Régias; Festas; Festas Religiosas e Procissões). Resta ainda salientar que em ambos os casos os dados foram sempre distribuídos pelos cronistas e respetivas crónicas.

6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atentando ao desenvolvimento da nossa investigação é possível referir que é na Dinastia de Avis que encontramos o maior número de dados, e são vários os autores que referem que esta dinastia via na música um instrumento de poder e ostentação, que começou logo com D. João I.¹⁸ É igualmente necessário ter em conta que o maior número de referências à Dinastia de Avis, resultaria do facto de ser esse o tempo dos cronistas e não as épocas anteriores que tratam nas crónicas dos primeiros monarcas, o que condiciona as suas observações. Um exemplo disso é número de dados que encontramos tanto em Rui de Pina, como Garcia de Resende em relação ao reinado de D. João II, sendo que no primeiro obtivemos 101 registos, e no segundo 176. Uma das razões prende-se com o facto de ser já uma época em que a música estava enraizada e era utilizada pela coroa em várias manifestações públicas e mais privadas. Aliás, estava já instituída a Capela Real e existia também uma grande preocupação quanto ao acompanhamento musical das cerimónias litúrgicas.¹⁹ Tudo isto fazia parte de um aparato cerimonial que foi instituído pela dinastia de Avis, servindo como elemento propagandístico e de representação da imagem real, à semelhança das restantes cortes europeias.²⁰

Com estes exemplos podemos desde já sublinhar o facto de a cronística ser uma importante fonte literária para o estudo da música medieval, e para a generalidade da musicologia. Quatro cronistas, 18 crónicas no total, em todas encontramos objetivos diferentes, mas também pontos em comum, nomeadamente a música, que surge como algo partilhado entre elas.

¹⁸ Porto, “*Os cantores*”, 5.

¹⁹ Gerhard Doderer, “As manifestações musicais em torno de um casamento real (Évora 1490)”, *Actas Congresso Internacional Bartolomeu Dias e a sua época*, (Porto: Comissão Nacional dos Descobrimientos Portugueses, 1989, vol. IV): 225.

²⁰ Porto, “*Os cantores*”, 1.